



**Por entre Contas e Douros
OU
entre rios a e-ducuar uma menina ...**

Elenise Cristina Pires de Andrade

Gosto de montar e desmontar palavras. Onde não tem hífen, me assombra colocar um, só para ver se muda o som, o sentido, a cara de quem a lê em voz alta. Muitos exemplos poderiam aqui ser listados de títulos de textos que in-vento, mas deixarei um só: Sinfonia em AR menor: *transversAR*, (des)cartAR, ex-pressAR (como você leu? ☺).

Já me diverti muito deparando-me com algumas caras e bocas que muitas pessoas – principalmente em ambientes formais da academia – tentam não fazer (para não dar uma impressão de assombro e/ou reprovação) com essas minhas vontades. Mas também gosto de suprimir esses hifens (não tanto quanto o último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009 que tirou tantos e poéticos ‘tracinhos’ de nossas palavras – brasileiras – , porque a grande maioria dos escritos realizados além mar cultivam os tracinhos como as oliveiras). Exemplo? Há muito tempo não escrevo e-mail, só email (talvez para ver se os afetos e as gentilezas per-corram com maior intensidade tais trocas de mensagens).

Uma menina que gosta de (des)montar sentidos. *Subverter* palavras. Hifens, parênteses, itálicos que invadem não somente a escrita, mas também o pensamento, arrancando-o das possibilidades por entre provoc-ações: letras-fios-ruas-gestos. Versos. Danças...



Ensaando o verso

(por Sheyla Smanioto Macedo)¹

Cena 1: a palavra tenta dançar

Et un, deux -
“A Dança” não é
trois et quatre-
a realidade nua do
balé
Et un, deux...
A Dança é
plus fort!
um filme
contorcendo-se.
et trois
lenta
et un
mente
et deux
realidade vestida de
lento
et trois e quatre! Pas
bien!



A Dança não é
Voilà! Un, deux -
realidade
et trois
ou dança
et un et deux et trois
é cada passo é cada
falso
et deux et trois
é cada passo cada
acaso
et quatre
ao seu lento, em ruína.



Cena 2: consegue não

¹ Texto disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/calçada/?p=1672>> Acesso em: 25.02.2012.

Fonte: Recortes de trechos de Andrade, 2015.

Dançar balé no ritmo da contagem, mas em francês *et un, et deux, et trois, et quatre, pas bien!* (e um e dois e três e quatro, ainda não está bom!). Seria esse o único ritmo para dançarmos? *Pas bien!* Que tal trançarmos as pernas e braços e caretas ao som das tranças com fitas coloridas? Tra(n)çar imagens-palavras-cores buscando não um



contar até atingir o correto, o padronizado, o adequado *et un, et deux, et trois, et quatre, pas bien!*, mas um aglomerado de intensidades, um jorro de sensações, inadequações, provocações para revirar o bom senso e convidar o *non sense* a participar dos movimentos de expressão, sem pressa de ser sentido, explorado, experimentado. *Et trois, et un, et et quatre et deux!* Fugir de um aprender-ensinar que leve exclusivamente a uma re-cognição, e sim extrapolar uma organização linear de finalidade e realização, seja de pensamentos, objetivos, ideias, educações. E-ducuar?

O que faz esse hífen por aqui? Seria a expressão de um *entre lugar*, assim como a menina e o rio de Contas, na Bahia, e o rio Douro, em Portugal? *Entre lugar* 'hifeno' a pulsar vida para fora ao pretender ex-pulsar as amarras das regularidades, da supremacia de uma infinita espiral de recognições para que a educação possa atingir os espaços, corpos, almas, vontades, sentidos. “[...] quero entender o ‘educar o olhar’ não no sentido de *educare* (ensinar), mas de *e-ducere*, como conduzir para fora, dirigir-se para fora, levar para fora.”

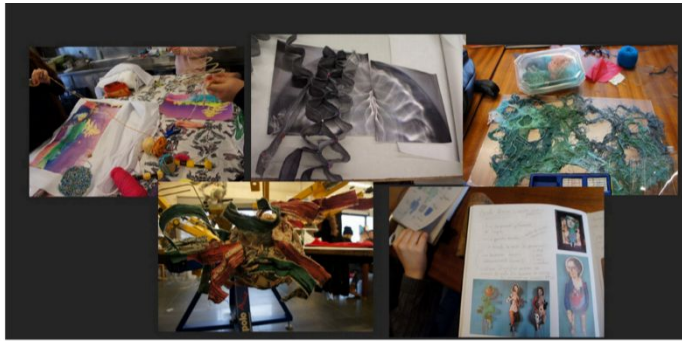
Ducere entendido como ‘levar’, ‘conduzir’. Intensificar o sentido da preposição ‘e’, no latim, que é derivada de ‘ex’, para fora, através do hífen. *E-ducere* no movimento, não voltar e não ir a nenhuma parte e não ficar parado, nem permanecer. Abandonar uma busca de sentidos, verdades e normalidades. Esvaziar da educação uma necessidade quase autoritária de didatizar o mundo para que, ao final desse percurso, pudéssemos a-PRENDÊ-lo. Nada prender, mas soltar, per-correr... esvaziar para continuar nas possibilidades das dobras, fora/dentro, rio-corpo-dança possibilitando experimentarmos um atravessamento nos pensamentos em educação, produzir riscos em devir, sempre esboçados, palavra-letra-(f/r)io. Letra-fio. Letra-rio. Letra-contas. Rio de Contas.

Encontros intensivos com a ONG “Movimento Mecenias da Vida” que nos possibilitou pensar outros encontros com a agricultura familiar, questões ambientais e sociais, histórias outras, fotografias a se espalharem pelo Rio de Contas-BA. A partir dessa união, trabalhos no projeto de extensão e pesquisa, desenvolvido entre os anos de 2009 e 2012 entre Itacaré e o distrito de Taboquinhas, no sul da Bahia, “Olhares cotidianos da certificação turismo carbono neutro: *logos* e *grafias* de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA” [1]. Rio que não conta *et un, et deux, et trois, et quatre*



para dançar. Água-dança que percorre corpos, mãos, plantações, escritas, pesquisas, e-ducações a nos expelirem de possíveis calmarias. Olhares cotidianos expressos em fotografias e cartas [2] nas inúmeras possibilidades de poemar o cotidiano e não somente explica-lo, justifica-lo, mas proporcionar, nesse movimento de expressão, a in-corporação de força, luta e vida. E(s/n)tender essa poesia também como forma de des(a)pertar o político na expressão dos saberes e conhecimentos.

Estender o entendimento. Poesia-rio a provocar um desaperto no político como expressão no processo de se lançar ao hífen em uma e-ducação. Quase um *desentender*. Quase do Conchas ao Douro. (Des)ocupações, (des)enquadramentos que invadem e propõem, enquanto conceitos a movimentarem o (im)pensável em pesquisa e educação, o pós doutoramento “Provoc-ações: (des)ocupar imagens, (des)enquadrar escritas, perambular por *Bahias e Portos*” [3], quando visitamos três instituições escolares com a proposta de que os estudantes fissurassem a vontade de (re)cognição das cidades, deixando-se contaminar pela vontade de entender, sentir, explorar, inventar a cidade não apenas como cenário, mas sim como produtora de saberes, expressões, conhecimentos, poesias, e-ducações.



Momentos
de produção
de esculturas
têxteis –
Escola
Artística de
Soares dos
Reis – Porto

Páginas do
fanzine –
Escola
Superior de
Design,
ESADE –
Matozinhos



Fotografias advindas do trabalho com estudantes da
Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Fânzeres – Gondomar



Fonte: Arquivo pessoal, 2017-18.

Fotografias de cotidianos de estudantes secundaristas a perambularem por esculturas têxteis; um fanzine produzido por estudantes estrangeiros na disciplina “Fotografia” em uma escola de ensino superior e, finalmente, alunos e alunas em uma área rural da Grande Porto, pertencente a uma turma de Percursos Curriculares Alternativos¹. Que cidades poderiam ser inventadas, conhecidas, sentidas, expressadas

¹ “Os Percursos Curriculares alternativos (PCA) são uma medida de promoção do sucesso educativo, no ensino básico. Trata-se de uma oferta específica de natureza complementar a outras existentes tendo em vista a inclusão social e o cumprimento da escolaridade obrigatória.” Fonte: <http://www.dge.mec.pt/percursos-curriculares-alternativos>



pelos gestos fotográficos dos estudantes envolvidas nessa pesquisa? Ruas, sensações, cores, muros, vivências em expansão não pretendendo identificar o que as imagens ‘representam’, ‘o que elas querem dizer’, ‘o que explicam e registram’. Produções imagéticas a partir de encontros com esses estudantes em exercícios de criação aproximando-nos de um pensar com a arte no intuito de provocar o campo da educação. Quase *deseducar*...

Vamos voltar um pouco lá no segundo parágrafo... uma menina que gosta de (des)montar sentidos. *Subverter* palavras. Hifens, parênteses, itálicos que invadem não somente a escrita, mas também o pensamento, arrancando-o das possibilidades por entre provoc-ações: letras-fios-ruas-gestos. Pois é... eis a invasão sendo apresentada de uma outra maneira, pela escolha dos procedimentos e posturas metodológicas atravessadas por essa pesquisa de pós doutoramento. Encontros em oficinas que não pretenderam delimitar, produzir, explicar, mas *oficinar*, momentos de experimentação, in-venção de imagens da cidade que transgridem uma a política da representação, para, então, possibilitar a imersão em uma lógica das sensações, pulsações de lugares (re)cortados, (re)visitados em perambulações. Porto que se desgarrar do cais e a-porta em outros fora/dentro. Desdobra-se em rio, em fio, em letra. De rio. Douro... Se as provoc-ações (des)ocupam imagens, (des)enquadram escritas, perambulam por *Bahias e Portos*... e a Bahia, levantou poeira?



Imagens obtidas durante as Oficinas que aconteceram durante a pesquisa “Cidades (des)enquadradas em imagens: experimentações (atra)versando o conceito de signo”, financiada pelo CNPq, no CEACO, Ichu, Bahia, entre 2014 e 2016.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Corpos-pólvora, pó, poeira [4]. pulsações. Toques. tocar guitarra, batuque de candomblé. tocar a pele de todos os tons. tocar a bola-Lua, marcar uma invenção de horizonte, toque de bola que se inventa toda vez que nela toca Messi. Bahia do sertão, de Ichu, do Colégio Estadual Aristides Cedraz (CEACO), onde vivenciamos a pesquisa “As cidades (des)enquadradas em imagens: experimentações (atra)versando o conceito de signo”² com aproximadamente vinte estudantes do Ensino Médio e cinco oficinas com professores e artistas participantes. *Que Ichu (des)enquadra em mim?* foi o mote de

² Projeto aprovado pelo Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 43/2013 e que foi desenvolvido de dez/2013 a set/2016.
COLUNA | Educação e Diferenças e... | Por entre conchas e Douros OU entre rios a e-ducuar uma menina... | nº 9 | 06
de novembro de 2019



nossas conversas, produções e pós produções das fotografias produzidas pelos estudantes. Um cotidiano que (se) experimenta no ar-riscar o pensamento na/com a educação. *Dá, dá isso* quando provocamos as potências e as forças de um arrancar-se para fora. Ex-posições.



A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialecto pessoal e intransmixível? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta actual humanidade. (COUTO, 2013, p. 33)

COUTO, M. (2013). A menina sem palavra. In *A menina sem palavra*. São Paulo : Boa Companhia.

Fonte: Fotografia da autora. Ruas do Porto, 2017.

Ainda uma menina. Des-e-ducada? Talvez, em sub-versão. Versos enormes, praticamente um versão mesmo, a nos atravessar e ao Oceano Atlântico e ao sertão, e à certeza, e ao ser... Des-apare-ser? *Desapareceu o artista que queria ser punk, tornou-se muito importante*. Será que tornar as coisas, pessoas, ações, conceitos tão importantes des-afia um desaparecimento? Danças, rios, expressões, parênteses, hífens, cores, palavras a nos convidarem a um arrancar-se para fora. *Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Ninguém entende muita coisa que ela fala...*

Dadaísmo, dá, dá tudo.



PARA SABER MAIS

ALMEIDA, Edivan C. Que Ichu (des)enquadra em mim? *Revista Alegria*, v. Dez/2015, n. 16, 2015.

ANDRADE, Elenise C. P. Cidades, gestos, imagens em provocações. In GUERRA, Paula; DABUL, Lúgia. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2019. Disponível em https://catalogo.up.pt/F/?func=direct&func=direct&doc%5Fnumber=000896285&local%5Fbase=FLUP&pds_handle=GUEST

ANDRADE, Elenise C. P. Sinfonia em AR menor: transversAR, (des)cartAR, ex-pressAR. *Remea*, v. Especial, n. jan/jun, 20 p., 2015. Disponível em: < <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/4848> >

ANDRADE, Elenise C.P.; Camacho, Marcelly. Arte dos problemas e/ou problemar(-)te. Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2010. Disponível em http://educonse.com.br/2010/eixo_10/e10-08.pdf

ROMAGUERA, Alda. R. T. & WUNDER, Alik. Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. 6(1) 124-146, 2016.

NOTAS

[1] Projeto financiado pela Fapesb – Nº 015/2009.

[2] Esse projeto resultou em um livro de fotografias e cartas: ANDRADE, Elenise C. P.; ARBAT, Eva A. Bau; PINTO FILHO, José B. (Orgs). *Olhares cotidianos (re)velam o programa turismo CO₂ neutro*. Feira de Santana: Uefs Editora, 2011.

[3] Pesquisa desenvolvida sob a supervisão de Paula Guerra na Faculdades de Letras da Universidade do Porto, Portugal, realizado entre setembro de 2017 e agosto de 2018.



[4] Poesia não publicada, mas aqui apresentada com a permissão dxs autorxs: Larissa Rodrigues Santos; José Wilson Martins Fialho Filho; Antônio Henrique Vaz Sampaio. Agosto, 2013, Feira de Santana, Bahia.

AUTORA



Elenise Andrade é professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). Pesquisa as (im)possibilidades entre arte, filosofia, cidades e mídias nas vibrações com as educações. Integra os grupos de pesquisa Trace (Uefs), Gefi (UFSJ) e o More than loud (Uefs-Flup/Porto/Portugal).